
A ERRÂNCIA COMO ANALOGIA DA ANAMNESE

HÉLIA FILIPE SARAIVA

ALUNA DO 4º ANO DE LITERATURA COMPARADA

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

On the "X Book," of *The Republic*, Plato describes the way in which the destiny of the souls seems to be associated to the phenomenon of the metempsychosis and to the act of drinking water on the Lethe's plain, which symbolized the ignorance, the oblivion, of the contact with the divine. If the human being (soul, in the platonic sense) is the result of the evanescent structure than one, can certainly think that the individual could be left alone, adrift in the sea of life. On the one hand, it seems to dissolve the self, but for the other hand, it seems to reconstruct and empower him because the questioning, the desire of knowledge of the human being gets stronger when he contemplates the ocean and its perpetual waving which occurs as a reminiscence of what he as once foreseen. It is in presence of the oceanic vastness that the concept of anamnesis crop up and the errant selfdeterminates in the sense of looking for an answer, whose persona of António Machado verses "camiónante no hay camión/se hace camión al andar". In the same way that the sea transmutes the one who faces it and surrounds it also the individual, neophyte, facing the disconcertative and iterative character of the sea/universe is submitted to the reflexion and concomitantly to the action. The confrontation with the ocean emerge as a metaphor which symbolizes the expelling of all his fears and phantoms similarly to a iniciatic rite whose objective is to lead the individual in the quest of his identity.

A atitude do ser errante resulta de uma tentativa de responder a uma das dúvidas mais antigas da história da humanidade: que faço eu aqui? Daí o nomadismo e o auto-escrutínio constantes por parte do indivíduo.

Só muito recentemente o homem elaborou um parecer da sua história, analisou o seu passado, aprecia o seu presente e se arroja a fazer futurologia sem qualquer manifestação, aparente, de carácter divino.

Como a cultura ocidental se desenvolveu tendo como suporte teorias reducionistas interessadas em encontrar a estrutura atómica da matéria, quase nos esquecemos que outrora o divino conviveu intimamente com o humano. E que o homem se interessava em decifrar o significado do oculto e em encarar, interpretar, o mundo como símbolo que servia de ponte entre o visível e o invisível.

Esse invisível era encarado através do mito como um reflexo de toda a realidade e o seu culto era feito com vista a que não se rompesse a ligação dos homens com o transcendente.

O homem ao servir-se do elemento mítico para se libertar do metonímico labirinto de Creta transita para a orla da reflexão — daí a máxima

cartesiana “cogito ergo sum”. Essa assumpção de vida é diametralmente oposta à imagem moderna do homem, em que o seu pensamento gira em torno do livre arbítrio e numa crescente sensação de inquietude e desequilíbrio, visto que o homem permanece desconhecido de si próprio.

Opondo-se à perspectiva presente tivemos a do homem helénico que vivia em contacto tão próximo com a divindade que considerava todos os seus actos e experiências como uma actuação dos deuses.

204

Na época actual, assinalada pelo individualismo, espera-se que o indivíduo se defenda a si próprio, seja independente, se imponha e lute pelos seus objectivos, o que seria visto pelos helénicos como o maior dos perigos — a *hybris*, que consistia num repto à lei imposta pelos deuses.

O homem grego não sentia escassez de liberdade dado que se sentia honrado por poder servir de instrumento à divindade. Ele imbuía-se da vontade divina.

O culto prestado aos deuses permitia o perfeito enquadramento do lado sombrio do ser humano, porque ao integrarem o reino do Hades nas suas vidas conviviam com ele de forma “terapêutica”, desconhecendo que o homem para evoluir precisa de enfrentar tudo o que o assombra, o que ameaça a fragilidade do seu ego, como os seus temores, e os sentimentos de aprisionamento e isolamento inerentes à existência humana. E só quem estiver disposto a contrariar a fugacidade e a vacuidade, característicos da época vigente, e olhar para o âmago do seu ser é que poderá experimentar a expulsão dos seus receios.

A questão da natureza humana aparece-nos animizada num dos inúmeros diálogos platónicos, *Fedro*, da seguinte maneira: “Toda a alma tem a seu cargo tudo o que é animado e percorre todo o céu, tomando aqui e além formas diferentes. De facto, quando é perfeita e se encontra munida de asas, caminha pelo espaço e governa todo o Universo; ao perder as asas, porém, é arrastada até que se agarre a algo de sólido” (Platão, 1997: 246c-d).

Não se trata de atingir, aqui, uma finalidade pré-definida, mas de reformular uma forma de vida que permita uma melhor existência. É preciso assumir o risco de uma existência experimental. Para poder conviver com a sua essência o ser humano precisa de crer na sua força vital, que para ser apreendida é necessário submeter-se a um processo de autognose que assenta num ritual iniciático em que o próprio neófito, após

ser submetido a numerosas provações, e as ultrapassar, revela-se demonstrando a sua acção no devir ontogénico.

O flutuar do ser, agir sem finalidade, sem projecto aparente pode oferecer o carácter de uma acção transcendental, que só porque se trata de uma acção humana não se pode denominar divina. Mas, tem qualquer coisa de rito, de conjuro, sortilégio, até de oferenda de aceitação do iniludível que transita na imensidão oceânica pois, ao alienar-se, ao dispersar-se pelas ondas do tempo repudia qualquer espécie de petrificação. E como, o tempo e o oceano se movimentam, fazem mover por analogia o ser humano. Mover sugere metonímicamente a busca de algo, da sua identidade a fim de gozar sem constrangimentos ou sentimentos de culpa a sua liberdade.

A sensação de inquietude advém do aparecimento da vontade humana dado que o sujeito passa a ser perspectivado como um ser dotado de capacidade de decisão, de intervir no seu destino (que era fixo e imutável) de tornar-se responsável pela sua acção.

Ao encarar assim a vida revela-se nas suas virtudes, nos seus sentimentos de dor e de sofrimento e até nas suas mais recônditas fraquezas.

Frequentemente elabora teses com o desígnio de as rejeitar posteriormente. Não acredita na verdade, mas no seu perspectivar verificando assim, até onde as teses o conduzem e se a experiência, o errar, as confirmam, implicando, naturalmente, o distanciamento e o recuo para se olhar a si mesmo e aos elementos com os quais se identifica como por exemplo o mar.

O seu desassossego provocado pela ânsia de conhecimento, de conhecer-se, é intensificado quando contempla o embalar das águas do oceano. Talvez por afinidade rememore o líquido bebido na planura do Letes que lhe concedeu o estigma da ignorância, o sentir-se estrangeiro a si mesmo.

No livro X d' *A República*, Platão apresenta-nos sob a forma de um mito a expressão escatológica individual, no mito d'Er. Onde o filósofo expressa um sentido ao destino da alma, que não é mais do que uma metáfora para a consciência do homem, ligada à metempsicose, colocando o problema da liberdade de escolha.

Nesse mito, o arménio Er descreve o percurso das almas pelo paraíso até à planície do Letes onde bebem uma determinada quantidade da água do rio Amale (que etimologicamente significa ignorância). Aquelas que bebem mais do que a medida esquecem o que viram e são reconduzidas à terra a

fim de expiarem as suas faltas. O esquecimento que era conferido à alma mais descuidada, ansiosa, poderá ajudar a perceber o sentimento de total desorientação que leva o sujeito a errar.

Esse deambular pelo mundo das ideias, segundo o mito platónico, durará mil anos, e tem como intuito obrigar a alma, que é imortal, a suportar todas as vicissitudes tendo como recompensa a felicidade de escolher a forma sob a qual reincarnará. Consta-se assim que a finalidade deste mito decorre da necessidade de proceder bem, consiste numa exortação à virtude.

Esse fenómeno fá-lo por anamnese autodeterminar-se, no sentido de procurar uma resposta para esse perpétuo devir.

Não se pretende com isto buscar a cura através de um retrocesso ao passado nem de esquecer o contemporâneo mas sim fazer com que se pondere sobre a existência de formas aparentemente tão distintas, de relevar a condição humana. Pois o errar surge como réplica antinómica à apreensão da incompletude em que se encontra dado que a errância tem por objectivo a busca da identidade unitária, da mesmidade.

Apesar de actualmente os mitos não oferecerem o mesmo carácter determinante e justificativo de outrora é-lhes respeitada e actualizada a propriedade alentadora. Porque para os seres fatigados, o depararem com sucessivos obstáculos, torna-os carenciados de consolo, do néctar retemperador. Considerando de somenos importância tudo o que está fora dos limites do seu microcosmos concentracionário, sentem-se aí revigorados pela esperança que o mito lhes incute.

No entanto urge que o seu repouso se apresente sufocante e limitativo, caso contrário poderá enfraquecer e reduzir as competências do ser errante.

A escolha da consciência do indivíduo reflecte o seu desejo de solidão. Porque só isoladamente é que ele se depara com os seus medos confrontando-os, e apenas nesse estado os poderá enfrentar.

Esta etapa torna-se crucial porque só assim compreende que é um indivíduo incompleto e lacunar e que só através da supressão dos obstáculos recrudescentes é que se revela.

O reconhecimento da sua fragmentação incita-o a procurar a sua identidade, que só se afirma face a um confronto, dado que ele ao

exteriorizar-se participa activamente, é o autor do seu devir que vai decorrendo.

Esta participação condu-lo à depuração da sua existência. Esta fase torna-se importante porque o guia à tomada de consciência do seu estado de alienação e conseqüentemente à sua falta de identidade apoderando-se dele um estado de estranheza, solitário mergulha no vórtice da noite, do desconhecido e do enigmático — tal como ele enigma de si próprio.

A decifração do oculto como princípio do conhecimento, faz-se sentir a partir do momento em que o indivíduo errante obedece à sua própria lei interior.

O seu caminho não está isento de perigos já que a sua acção transgride a lei que cultiva o inexplorado, detentor do império dos porquês.

A resposta manifesta-se sob a forma de uma substituição ou consumpção libertadora. Como se o vacilante neófito se libertasse dos elos que lhe foram necessários para um dia se equilibrar, caminhar.

Assim, podemos afirmar que após o rito inicial na presença da colectividade, o neófito é abandonado, deixado entregue à sua sorte aos seus receios. Ao ser deixado sozinho é compelido a lançar-se fora de si mesmo sem saber a razão mas buscando-a através de um interrogar constante, ressaltando questões do género: serei sempre o outro ou o mesmo por detrás de qualquer acontecimento?

Este interrogar-se é preponderante para a definição do sentido trágico da existência humana: contradição, conflito, tensão entre a vontade individual e a ordem cósmica.

A sucessividade de provas a que é submetido é notória através da rejeição de uma crença, uma tradição, um universo, verificando que é ao conviver com essa cisão, que ele se vê impelido a errar, sucumbindo sempre.

À medida que erra, depara com um teste contínuo que só o triunfo sobre os obstáculos é que lhe irão restaurar a confiança perdida.

A singularidade do percurso escolhido representa o indivíduo no mundo, a sua relação com ele, e o seu errar a sua actualização.

O carácter imenso, plural dos caminhos apesar de apelar para a visita do neófito não se impõe, porque este não penetra no seu recinto "às cegas",

dado que a sua errância dá lugar a uma dupla função: a da interrogação constante, auto-questionamento, pelos caminhos enveredados. O derrubar de obstáculos e sucessivamente ir obtendo as almejadas respostas — o conhecer-se.

À semelhança das águas que convergem para o seio do ondulante oceano, também o indivíduo impossibilitado de se refugiar no leito que o embalava, dirige-se para o mar com o intuito de se comprazer com o seu ondular e sossegar a sua necessidade de amparo. É ao contemplar o vai-vem do mar que se recorda daquilo que inicialmente lhe parece uma anátema, pois o despertou do seu sono desencapelador lhe permitiu entrever as suas anteriores vivências e conseqüentemente inquietá-lo porque lhe revelou algo que lhe era desconhecido.

Daí que possamos dizer (se nos permitem) com Hegel que “o espírito se realiza na história”. O filósofo germânico ao revelar que a história surge, como vicissitude inexorável do espírito encaminha-nos, para a noção de que é o indivíduo que ao desdobrar-se na história, se manifesta, se nega e se supera através da sua actualização.

No âmbito da teoria hegeliana o indivíduo surge despersonalizado como mero actor da história, sendo esta a detentora de sentido. O insurgir-se contra essa perspectiva revela-se na tentativa de elaborar uma nova concepção de homem, não cristalizadora.

O sentido da história, segundo o filósofo, não reside no percurso elaborado por cada um mas sim no interior de algo feito sob a égide da colectividade. Daí que não apazigue a ânsia de se projectar e que origine a busca de respostas para as seguintes interrogações: em que consiste o devir? O que é esse movimento que faz e desfaz, aparece para desaparecer, nasce para morrer, figura para desfigurar?

Será algo transcendente que nos rege de forma caprichosa, categórica e imperiosa?

A sua identidade, existência, só se afirma face a um confronto, dado que ele ao exteriorizar-se participa activamente, é o autor do devir, que se está a fazer, a decorrer.

A revelação da identidade urge envolvida pelo tempo, pela sua configuração que liberta o indivíduo da fadiga categórica de buscar respostas e não a razão das perguntas.

190
A morosidade da demanda está em proporção com o tempo concedido a quem dele necessita, dado que "a velocidade da acção (...) arrebatada, consome, sobrepe-se" (Zambrano 1995: 289).

A errância cumpre a sua função de transformar, de elevar o ser tornando-o acessível a si próprio.

O homem emancipa-se ao escolher o caminho e consecutivamente o seu próprio desenvolvimento. O seu desassossego reside no interior de algo a realizar, porque o homem ao tornar-se exterior a si mesmo, ao pôr-se à prova, "desensimesma-se".

É ao agir, andar, que se revela qual persona ilustrada nos versos: "camiñante, no hay camiño, / se hace camiño al andar" (Machado 1941: 212).

Prende-se aqui a noção de escolha, do livre-arbítrio porque é justamente a inexistência de percurso que o leva a estabelecê-los "percurtivamente".

O errante depara com inúmeros obstáculos ao longo do seu caminho e é durante a sua transponibilidade que ele se descobre e se metamorfoseia de acordo com a situação exigida. A noção de metamorfose pressupõe uma "mesmidade" capaz de permanecer para além das flutuações orgânicas e sociais, dos perfis que vai assumindo ao longo do tempo.

A integridade que permanece fragmentada e misteriosa assume valores universais em situações particulares, podendo-se concluir que a unidade do ser humano consiste sobretudo numa construção, num projecto que se manifesta nos domínios da acção.

A errância surge assim com um valor sincrético e pregnante visto que pressupõe identidades que não se manifestam (de forma imperativa) mas que se vão manifestando.

BIBLIOGRAFIA

ALBARELLO, L., et alii, *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*, Lisboa, Gradiva, 1997.

HARTMANN, N. *A filosofia do idealismo alemão*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

MACHADO, A. *Poesias Completas de António Machado*, Madrid, A. Espasa Calpe, 1941.

PLATÃO. *A República*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

PLATÃO. *Fedro*, Lisboa, Edições 70, 1997.

210

RUTHERFORD, R. B. *The art of Plato*, London, Hamish Hamilton, 1995.

ZAMBRANO, M. *O homem e o divino*, Lisboa, Relógio D'Água M. Editores, 1995.